

**RECORDAÇÕES
DE UM BOMBEIRO VOLUNTÁRIO**

Ficha técnica

Título: Recordações de um Bombeiro Voluntário

Autor: Manuel Cordeiro

Edição: Edição do Autor

Revisão e prefácio: F. Lopes

Capa: Alberto Leitão

Paginação: Vasco Lopes

Depósito legal: XXXXXXXXXXXXXXXX

Impressão: Escola Tipográfica – Casa do Trabalho

Tiragem: 300 exemplares

Data da Edição: Abril de 2019

Este livro segue a grafia do Novo Acordo
Ortográfico

*Dedico este modesto trabalho a todos
os Bombeiros Voluntários,
com farda ou sem farda,
que ao longo de centenas de
anos têm dedicado a sua vida ao
Voluntariado, muito em especial a
todos aqueles que já partiram e que
serviram tão nobre causa.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Professor Francisco José Lopes, pela correção deste pequeno texto e pela disponibilidade sempre dispensada a toda a gente que se propõe fazer estes trabalhos.

Ao Senhor Professor Diamantino Mário Soeiro Lopes, Presidente da Direção da Associação dos Bombeiros Voluntários de Alfândega da Fé e Presidente da Federação dos Bombeiros do Distrito de Bragança, pela informação do funcionamento atual dos Bombeiros.

Ao Senhor Alberto Manuel Leitão, pela execução da capa.

PREFÁCIO

Passaram-se mais de seis anos desde a publicação do livro *“De Alfândega da Fé para outras vidas”*, de Manuel Cordeiro, texto a que dei o meu contributo na revisão e orientação histórica, para além de, a pedido do autor, ter assinado o prefácio.

Este alfundeguense continua a manifestar o seu gosto e jeito pela escrita e apresenta-nos agora esta reflexão muito pessoal, relacionada com uma atividade de cidadania que ocupou boa parte da sua vida: ser Bombeiro Voluntário.

Pediu-me para dar novamente uma ajuda, nos mesmos termos que no livro anterior e convida-me também para escrever estas palavras de abertura. Como é evidente, não encontrei nenhum motivo para recusar, antes pelo contrário, para agradecer esta deferência. Para além do bom relacionamento pessoal que mantemos há muitos anos, o tema sempre me interessou e durante alguns anos as questões ligadas aos incêndios florestais, sobretudo na vertente da prevenção, também ocuparam a minha atividade profissional. Mas ainda que isso não tivesse acontecido, a minha ligação, como associado e amigo da corporação local dos Bombeiros Voluntários já leva muitos anos, suficientes para perceber que muitas vezes a incompreensão e o egoísmo das pessoas levam a esquecer o trabalho abnegado destes cidadãos, antigamente apenas homens, hoje também mulheres, como é exigível que assim seja numa sociedade democrática.

Nesta sua reflexão sobre os Bombeiros Voluntários, Manuel Cordeiro fala na primeira pessoa. Do que viveu, do que sentiu, das opiniões que tem sobre o presente e dos receios que lhe inspira o futuro, aborda com cuidado assuntos mais polémicos e, sobretudo, não verte nas suas palavras ódio ou rancor. Quando muito saudade, por vezes alguma desilusão e algumas dúvidas sobre o que virá a seguir.

Esta é a minha conclusão depois de reler o texto pronto para a paginação. E não posso deixar de revelar aqui uma confidência do autor para comigo, quando, talvez por novembro do ano passado, me perguntou se tinha disponibilidade para ler o texto: *“se calhar não vai gostar, nem concordar com algumas coisas...”*.

Por acaso existe um assunto neste texto sobre o qual tive sempre uma opinião diferente da de Manuel Cordeiro e de outras pessoas da nossa terra e refiro-me concretamente à transformação do antigo quartel dos Bombeiros Voluntários em Casa da Cultura. Já todos apresentámos os nossos argumentos, que agora não cabem aqui, mas a questão é muito simples: o que seria do mundo se todos tivéssemos a mesma opinião? Portanto, não seriam as eventuais discordâncias a pesar na minha decisão, e não foram.

Quando leio um texto de alguém da nossa terra que se dispõe a passar para livro a sua arte, a sua história, as suas memórias, as suas ideias e as suas opiniões, a primeira coisa que eu procuro não são as discordâncias mas a importância para acrescentar conhecimento da história coletiva, valorizar o nosso património literário, conduzir a reflexões que possam ser úteis a todos, pelo alcance dos assuntos tratados.

Do meu ponto de vista este texto de Manuel Cordeiro cumpre aqueles requisitos, pois acrescenta aspetos do passado dos nossos Bombeiros Voluntários que ainda não tinham sido escritos, faz questão de envolver diretamente outras pessoas para reforçar o seu texto, apresenta ideias e convida à reflexão. A partir do momento em que seja público passa a ser mais um documento a considerar para quem queira, daqui a uns anos, escrever verdadeiramente sobre a história mais recente da nossa terra.

Acresce a tudo isto, conforme me confidenciou, que parte da venda deste livro reverterá para os próprios Bombeiros Voluntários. O gesto diz tudo.

Francisco José Lopes

Março de 2019

INTRODUÇÃO

Sou um amante do campo e da natureza.

Não foi por acaso que em meados do ano de mil novecentos e noventa e seis, quando previ que os serviços para quem trabalhava, há aproximadamente trinta anos, a Junta Autónoma das Estradas, iriam ser extintos dentro de pouco tempo, entendi que estaria na melhor altura de pedir a minha aposentação. Tinha-me entregue aos serviços com todo o saber e com toda a dedicação. Era bem visto por todos os meus superiores hierárquicos da Direção de Estrados de Bragança, tinha a meu cargo um grupo de bons homens e bons cantoneiros, que comigo partilhavam no desempenho das suas funções, o que nos permitia trazer a Secção de Conservação, e mais tarde os Centros de Conservação, em bom estado de limpeza e conservação.

E se bem o pensei, melhor o fiz. Aos cerca de trinta anos prestados para as Estradas de Portugal, juntei certidões de outros serviços prestados, entre os quais cerca de três anos de serviço militar, dois numa comissão de serviço, no então Estado Português da Índia, e destes, cinco meses num campo de concentração de prisioneiros de guerra, aquando da ocupação do território pela União Indiana. Todo este tempo totalizou trinta e sete anos e um mês de serviço, o que me permitiu reformar-me com a reforma total, para a qual nesse tempo apenas bastavam trinta e seis anos de serviço. Pretendi assim reformar-me com a consciência tranquila do dever cumprido e de acordo com a declaração prestada no auto de posse assinado em catorze de Janeiro de mil novecentos e sessenta e sete, na Direção de Estradas do Distrito de Bragança, em que tinha declarado por minha honra, que cumpriria com lealdade a Constituição da República e suas leis, e desempenharia fielmente as funções que me eram confiadas.

Tinha nesta altura cinquenta e oito anos de idade, ainda me sentia com coragem para fazer alguma coisa e o gosto pelo

campo e pela natureza levou-me a cuidar de alguma terra já meia abandonada pelos nossos antepassados. Resolvi dedicar-me à olivicultura. Numa terra próximo de Eucísia plantei logo oitocentas oliveiras novas, procurei tratar as que já tinha o prédio, construí uma pequena charca para ter água para rega e fui construindo uma pequena casa e alguns anexos, os quais não só servem para alguns momentos de lazer com a família, como permitem, na apanha da azeitona, comer a merenda com o pessoal que colabora nessa tarefa, num sítio mais agradável e junto à fogueira nos dias frios.

Confesso que se fosse hoje não o teria feito. A agricultura só está boa para os grandes proprietários que possam adquirir máquinas para executar os serviços, ou para jovens proprietários que tenham conhecimentos e façam alguns trabalhos pela própria mão. Os produtos que se colhem também são difíceis de colocar. Há mais nas nossas terras quem queira um emprego do que quem queira efetivamente trabalho.

Hoje vim bastante cedo para este meu prédio. Já reguei algumas árvores e já fiz outros pequenos serviços. Estamos no mês de outubro. São dez horas e trinta minutos da manhã e o calor que ainda se faz sentir, alguns pequenos problemas de saúde e talvez os oitenta anos de idade que se aproximam, aconselharam a dirigir-me até à minha casinha de campo e a repousar um pouco.

Fui buscar a antiga cadeira de lona, sentei-me no alpendre da casa, de onde vejo parte do prédio, a pequena charca e o cantar dos passarinhos, desfrutando da frescura do campo de que tanto gosto.

Mas, quando procurei deslocar um pouco a cadeira para me livrar do sol intenso que já se faz sentir, olhei para a serra da Gouveia que fica em frente, recordei os tempos em que ali tinha andado a apagar incêndios, recordei todas as catástrofes que este ano têm ocorrido no nosso país, e vi que estava sentado na mesma cadeira onde, há cerca de seis anos, me lembrei de rascunhar o meu primeiro livro e pensei se não seria ainda capaz de contar outra história, recordando o tempo que dediquei aos Bombeiros Voluntários. Será que sou capaz?

PORQUÊ BOMBEIRO VOLUNTÁRIO?

Em meu entender, o voluntariado é uma qualidade que surge dentro de nós, por vezes desde muito pequeninos e até por influência das nossas próprias famílias.

Nasci em Alfândega da Fé, no ano de mil novecentos e trinta e oito, filho de um casal de modestos comerciantes, cujo comércio e casa de habitação ficavam a escassos vinte ou trinta metros dos antigos Correios, um edifício que hoje já não existe.

Desde que comecei a ser gente ia para o estabelecimento de meu pai para lhe fazer companhia. Quando já andava no ensino básico, na antiga terceira ou quarta classe, comecei a ajudar em pequenas coisas.

Nesse tempo não havia tanto comércio como há hoje. Era frequente virem pessoas das aldeias à Vila a efetuarem as suas compras. Numa árvore junto à capelinha do Espírito Santo, que ficava em frente do comércio, prendiam os seus burrinhos e vinham fazer algumas compras que transportavam depois para meter nos alforges onde levavam essas necessidades. Muitas vezes ajudei as pessoas a levar as mercadorias, quando as compras eram um pouco mais avultadas.

Com alguma frequência as pessoas traziam encomendas para enviar para familiares que já então viviam nas grandes cidades e pediam ao meu pai para as arranjar, para irem pelo correio. Recordo que existia uma zona do comércio mais recolhida, onde havia sempre um grande número de caixas vazias, provenientes de mercadorias que vinham para a loja e ali guardadas para preparar estas encomendas.

Isto levou-me a aprender com o meu pai a fazer estes serviços. Ainda havia um sinete que se calcava em cima do nó da encomenda onde era derretido um pouco de lacre vermelho. Sem ele me dizer mais nada fui aprendendo a preencher a essas pessoas os vales

que queriam enviar pelo correio e a procurar ajudar o próximo, o que ainda hoje faço, sempre que me é possível.

A Vila de Alfândega da Fé era uma terra cheia de encanto e beleza, todos se conheciam, todos se davam bem e se ajudavam mutuamente. Foi neste bom ambiente que fui criado.

Desde muito pequeno que senti uma grande atração pelos Bombeiros Voluntários. Ia com frequência visitar umas tias de minha mãe e muitas vezes me pendurava num grande portão de ferro da casa Pires, para admirar um carro dos bombeiros que ali ficava recolhido, um Fiat descapotável, uma relíquia hoje, se ainda existisse. Também ao fundo da rua de São João de Deus estavam guardados dois carros de tração braçal, que me obrigavam sempre a parar para admirar. Felizmente estas duas relíquias ainda hoje existem no nosso quartel de Bombeiros.

Os anos foram passando, apenas havia ensino básico em Alfândega da Fé e o meu pai, na esperança de ter um doutor ou um engenheiro em casa, mandou-me estudar para fora. Tive a oportunidade de ir para Lisboa, para casa de uns tios e de frequentar na década de cinquenta o grande Liceu Camões. Passados dois ou três anos vim estudar para Bragança.

Sempre que tinha férias vinha a Alfândega da Fé e era no Jardim Municipal que se juntavam os rapazes e as raparigas da terra para confraternizarem. Era por ali que se combinavam alguns bailaricos ao som dos antigos gira-discos e nas festividades do Mártir S. Sebastião, que se realizam em agosto, se colaborava com os mordomos da festa no arranjo do festão e dos arcos, serviços muitas vezes efetuados dentro das quatro paredes dos Bombeiros. Recordo ainda esse tempo, em que ia com o meu pai ao cinema, com uma cadeira às costas, para ficar sentado a ver o filme que era projetado por um senhor que vinha de Vila Flor, naquele mesmo edifício em construção, com o chão ainda térreo.

Com dezoito anos de idade, emancipado com a necessária autorização do meu pai e ainda a estudar em Bragança, tirei a carta de condução e comecei a conduzir um modesto automóvel que ele resolveu adquirir.

Eram dias difíceis para os Bombeiros nesse tempo. Quando por vezes era necessário, o Comandante Jeremias chegava a deslocar-se à quinta de um grande proprietário, o Dr. Roque, que vivia junto ao rio Sabor, na Quinta Branca, a solicitar a dispensa de um motorista que ali trabalhava, para fazer o transporte de um doente. Mas como a casa comercial do Comandante Jeremias era contígua com a de meu pai, também eu comecei a ser solicitado para alguns serviços. Apenas havia na corporação uma ambulância Volkswagen, de 1957, e um pronto-socorro Bedford, de 1952.

Nesse tempo os serviços de saúde iam resolvendo localmente muitos problemas que apareciam. Só em casos mais complicados mandavam os doentes para outros hospitais. Recordo até que alguns dos poucos serviços que se faziam era para Coimbra, por informação e influência de alguns médicos da nossa região, que aqui chegaram a vir fazer serviços.

O tempo foi passando mais depressa do que eu contava e chegou a altura do cumprimento do serviço militar obrigatório. Fui recenseado em mil novecentos e cinquenta e oito e incorporado em sete de abril de 1959, na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém, onde frequentei o curso de Sargentos Milicianos. Em 26 de abril de mil novecentos e sessenta fui promovido a Furriel Miliciano e embarquei em Lisboa no navio Niassa, integrado numa comissão de serviço em Goa, na antiga Índia Portuguesa. Depois de cerca de cinco meses num campo de concentração de prisioneiros de guerra desembarquei em Lisboa em 22 de maio de mil novecentos e sessenta e dois. Já em casa, depois desses tempos tão mal passados e após alguns dias de descanso, comecei a ser novamente contactado pelo Comandante Jeremias para transportar alguns doentes.

Já encontrei o quartel dos Bombeiros ligeiramente ampliado e com algum do material recolhido na pequena garagem existente, mas pouco mais do que os carros de tração braçal, o pronto-socorro Bedford, o saco de lona, a moto-bomba e a ambulância Volkswagen. O equipamento de trabalho era um simples fato-macaco azul. Já existia, porém, uma bonita farda azul de que os

bombeiros se orgulhavam em dias festivos.

Em determinada altura, já casado e com família, o senhor Comandante Jeremias convidou-me a inscrever-me como Bombeiro Voluntário. A inscrição nos Bombeiros permitia estar no seguro, o que para ele era conveniente, uma vez que conduzia os carros da corporação. De salientar que nesta altura já possuía todas as cartas, inclusive a de pesados e de motos.

É claro que aderi de imediato ao seu pedido. Em oito de dezembro de mil novecentos e setenta e um inscrevi-me como aspirante. Frequentei o curso existente nessa época, subi as velhas escadas portuenses de ganchos, como qualquer outro concorrente a Bombeiro e aprendi a trabalhar com o pouco material que havia. Fui nomeado Bombeiro de 3.^a classe em vinte e sete de dezembro de mil novecentos e setenta e dois.

A atenção do Comandante Jeremias em relação ao bom funcionamento da corporação levou-o a convidar-me para seu Ajudante de Comando, por entender que eu lhe poderia ser bastante útil para o ajudar na secretaria e nas suas faltas e muito em especial para dar ordem unida ao pessoal, atendendo a que para isso estava eu devidamente preparado, uma vez que o simples posto de Furriel na tropa e os ensinamentos da Escola Prática de Cavalaria assim o permitiam. Em dezassete de maio de mil novecentos e setenta e seis fui nomeado Ajudante de Comando. Em trinta e um de julho de mil novecentos e oitenta e um fui proposto, pelo mesmo Comandante, a Segundo Comandante. Com a passagem do Comandante Jeremias ao Quadro de Honra, por atingir o limite da idade e apenas de acordo com a sua vontade, fui proposto para Primeiro Comandante, em vinte e nove de junho de mil novecentos e oitenta e quatro.

Sabia que me esperavam dias difíceis. Não era fácil substituir um Comandante como Jeremias Ferreira. De salientar que tudo isto era assumido sem qualquer remuneração ou custos para a corporação. Não me recordo de faltar a qualquer reunião solicitada pelo senhor Inspetor Regional de Bombeiros do Norte, o meu superior hierárquico. Em nove de abril de mil novecentos e oitenta

e seis frequentei um curso básico para Comandante, em Vila Real. Em vinte e sete de março de mil novecentos e noventa e dois frequentei um curso de comandantes operacionais, já na Escola Nacional de Bombeiros, em Sintra. Possuo ainda vários diplomas de outros cursos, como *Materiais plásticos e seu comportamento no fogo, Tecnologia de gases combustíveis, Prevenção e salvamento em acidentes com aeronaves, Hoteleiros e similares, O papel das escolas em incêndios florestais, Seminários de Gás Natural, Seminários em Segurança contra Incêndios em Edifícios*, etc.. Habitualmente estava também presente nos cursos dados aos bombeiros, em especial nos de socorrismo que se iam realizando. Para frequentar alguns destes cursos tive mesmo de meter dias de férias no serviço onde trabalhava.

Em um de março do ano dois mil, por não estarem reunidas todas as condições que permitissem o bom funcionamento do serviço, pedi a minha exoneração do cargo, tendo passado ao Quadro Honorário.

Contribuiu também para o meu afastamento o descontentamento pela demolição do antigo quartel dos Bombeiros, um edifício construído com o esforço de todos os Alfandeguenses, os quais, quando não podiam dar qualquer auxílio monetário, davam dias de trabalho para a construção do edifício e a demolição da casa da Junta Autónoma de Estradas, uma casa em perfeito estado de conservação, onde criei três filhos e onde vivi cerca de trinta anos.

No meu modesto entender, o antigo quartel podia ser hoje uma fonte de rendimento para os próprios bombeiros, pela sua localização e bom estado em que se encontrava. A casa da Junta Autónoma poderia ser utilizada para o turismo, se assim o entendessem. A Casa da Cultura poderia bem ser construída noutro sítio, talvez até melhor do que o atual, evitando a demolição de dois imóveis que, como afirmo, me pareciam estar em bom estado de conservação.

Dos trinta anos de serviço prestados para tão nobre causa ficam a recordação do bom relacionamento que sempre existiu com todo o Corpo de Bombeiros e de todo o serviço prestado com

muito amor e muita dedicação.

Fica o agradecimento a todas as pessoas da Vila de Alfândega da Fé e de todo o seu concelho, que sempre nos receberam com a sua generosidade e que muitas vezes, nos momentos de maior aflição, contribuíram com alguns donativos para as necessidades mais prementes da Associação.

Fica, muito em especial, a boa impressão que eu sempre tive em toda a minha vida do voluntariado e a consciência tranquila de que tinha feito o melhor que podia e sabia para o bem da Associação.

Ficaram ainda como recordação algumas medalhas da *“Liga dos Bombeiros Portugueses”*, propostas pelo Comandante Jeremias, quando no exercício das suas funções como Comandante e a passagem em um de março do ano de dois mil ao Quadro de Honra da Associação, conforme consta na ordem de serviço n.º três, do ano de dois mil.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALFÂNDEGA DA FÉ

O que fomos

Os Bombeiros Voluntários são instituições seculares. Não vou recordar todo esse tempo que já data do ano de mil trezentos e noventa e cinco, porque entendo não ter capacidade para o fazer e teria de efetuar muitas pesquisas que nesta fase da minha vida já seriam difíceis. Procurarei apenas recordar as situações mais recentes, a partir da nossa fundação.

Em mil novecentos e trinta e três, um grupo de homens das mais variadas condições sociais, Júlio Manuel Pereira, Urbano Ulisses Urze Pires, Francisco José Lemos de Mendonça, Mário da Conceição Miranda, Manuel Maria Martins, João Pedro Trigo, José Lopes, Álvaro de Jesus Legoinha, Manuel António Ferreira, Ismael Martins, Álvaro José Pires, Acácio Augusto Albuquerque, Alípio José Trigo, Acácio Alípio Trigo e Mário Joaquim Trigo, organizou-se e fundou a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Alfândega da Fé. Como seu primeiro Comandante foi escolhido Carolino Urze Pires, mas devido à falta de saúde deste logo em mil novecentos e trinta e quatro foi nomeado Jeremias Clemente Ferreira.

Na corporação existiam dois carros de tração braçal, um saco de lona, uma moto-bomba e pouco mais, recolhidos em locais emprestados para esse fim. Depois de muito pensarem relativamente à construção de um quartel e vários anos depois, chegaram à conclusão de que o melhor local seria o aproveitamento de um edifício destinado às atividades culturais que já tinha sido iniciado, o qual com alguma ampliação poderia ser aproveitado para ambos os fins.

Foi uma mais-valia para Alfândega da Fé e toda a gente ajudou da melhor forma que podia na construção do quartel dos Bombeiros. Os que não tinham possibilidades de ajudar monetariamente davam dias de trabalho na construção da obra. Eram feitos teatros

e festividades com o fim de angariação de fundos para que a construção não parasse. Foi mesmo adquirido por esta altura uma viatura Bedford, destinada a pronto socorro e na qual ainda aplicaram um estrado de madeira, que servia de carroçaria para o transporte de pedra para a obra.

Fomos uma corporação de grandes homens e valentes bombeiros. Muitos deles tinham andado na própria construção do quartel e o Comandante Jeremias sabia bem o que melhor servia. Desculpem-me por não mencionar os nomes em concreto, mas o esquecimento de alguns podia estragar este modesto trabalho. Posso apenas dizer que ainda herdei do Comandante Jeremias alguns desses voluntários, que respeito e recordo com profunda saudade.

Como Ajudante de Comando do Comandante Jeremias fui-me inteirando das necessidades para o bom funcionamento da corporação.

Nessa época os Bombeiros Voluntários apenas estavam dependentes do Serviço Nacional de Bombeiros e não me compete a mim avaliar os ditos serviços, dizendo apenas que cinco homens apenas, os Inspectores dos Bombeiros do Norte, do Centro, do Sul e da Região de Lisboa e um Inspetor Superior, colocado em Lisboa, conseguiam controlar todos os serviços.

Apesar de todos os anos se elaborarem nas corporações os planos de necessidades mais prementes para o bom funcionamento das mesmas, era muito difícil satisfazer todos os pedidos que eram efetuados. Não havia outra maneira de conseguir os nossos objetivos senão recorrer a peditórios, na Vila e nas aldeias, a determinadas entidades, a emigrantes, que atendiam com todo o amor e carinho que os Bombeiros lhes mereciam.

Não possuíamos sequer quarteleiro, apenas o funcionário de um bar já existente permitia atender qualquer solicitação que fosse feita. Ainda se tocava a rebate dos sinos da igreja quando havia incêndios, a que o pessoal acorria com a máxima brevidade que lhe era possível. Muitas vezes, quando havia necessidade de transportar um doente durante a noite, era frequente baterem à

porta do bombeiro que estivesse mais próximo, que por acaso do destino era eu, que vivia na casa dos serviços onde trabalhava e que ficava ao lado do quartel. Muitas vezes me levantei durante a noite a chamar o motorista e outras tantas ia logo buscar o doente a casa, ou ao hospital, para que não houvesse atrasos no serviço. Não estou arrependido, hoje faria a mesma coisa.

Para além da Volkswagen, foi-se conseguindo adquirir mais viaturas: uma ambulância Peugeot 404, uma Mercedes usada proveniente da Alemanha, uma Opel, uma Peugeot 305 e um pronto-socorro ligeiro Land Rover, que eu próprio fui buscar ao Porto, por ordem do Comandante Jeremias.

Como já anteriormente referi e por estranho que pareça, pouco se falava em incêndios florestais, apesar de também haver monte como há hoje.

No que respeita ao serviço de saúde não me consta que algum dia tivesse ficado um doente ou ferido por transportar. E quando alguma vez, por falta de alguma ambulância, isso se verificou, eu próprio cheguei a transportar doentes no meu modesto carro, sem qualquer encargo para o doente ou para a corporação de Bombeiros. E recordo alguns destes transportes: uma senhora com uma filha que tinha engolido uma moeda; uma senhora de uma aldeia com um filho nos braços, que tinha ingerido um remédio para as vinhas; mais tarde, numa carrinha Opel que possuía, até duas senhoras que não puderam ser transportadas nas ambulâncias por estas já terem seguido para Mirandela, ou vítimas do mesmo acidente ocorrido perto desta Vila, na E.N. 215.

Posso ainda recordar outras histórias relativas à minha vida como Bombeiro Voluntário e ao lema que sempre a todos nos guiou de *"Vida por Vida"*.

Recordo que uma vez estive no quartel até às quatro da manhã, com um bombeiro que se prestou a ajudar a meter um veio de transmissão na ambulância 404, o qual estava empenado e que a referida ambulância seguiu para o Porto às cinco da manhã com um doente, cujo serviço estava marcado.

Tinha um bom grupo de homens e bons Bombeiros que não

deixavam ficar mal o Comandante Jeremias, nem o Ajudante de Comando. Os Bombeiros eram uma força viva da terra, sempre solicitados pelo seu apurmo e dedicação.

Mas para além de Bombeiro fiz parte de direções da Associação, em 1967 como tesoureiro, em 1972 como secretário, em 1973 como tesoureiro, em 1978 como vice-Presidente, em 1980 como 1.º secretário, em 1982 como 2.º secretário e muito em especial, em 1979, fiz parte de uma Comissão de Gestão, quando já não havia gente interessada em constituir uma direção.

A Banda de Música hoje existente em Alfândega da Fé foi recriada nos Bombeiros. Foram os Bombeiros que recolheram os instrumentos velhos existentes numa casa da antiga Legião Portuguesa, na rua de S. João de Deus. Verificando-se que os mesmos já não estavam nas melhores condições de utilização e com o grande apoio da Câmara Municipal dessa altura, foram-se adquirindo alguns instrumentos, contratou-se um regente e assim se foi recriando a banda. Parte dos instrumentos adquiriram-se através do Inatel, outros na Secretaria de Estado da Cultura, alguns dos quais eu cheguei a transportar para Alfândega da Fé e os restantes a custo de muitos pedidos e de muito trabalho.

Apesar de todos os anos se elaborarem os planos de necessidades mais prementes, os subsídios atribuídos eram sempre insuficientes para as satisfazer. As Câmaras Municipais também não eram tão recetivas como hoje, pelo que tínhamos que recorrer a peditórios pela Vila e aldeias do concelho onde sempre éramos estimados e bem-sucedidos.

Como já referi, não existia quarteleiro, apenas um empregado do bar da Associação, que tomava anotação de qualquer pedido, apenas durante as horas de funcionamento. Durante a noite o quartel ficava totalmente desguarnecido, o que levava as pessoas a bater à porta mais próxima que lhe pudesse valer. Na maior parte dos casos, à casa da Junta Autónoma de Estradas, onde eu vivia como funcionário público. Era eu quem me levantava e ia procurar um motorista para prestar o serviço. Não existiam ainda telemóveis, nem sequer tantos telefones fixos.

A grande dificuldade por que passou a corporação, só quem por lá andou nestes tempos mais antigos a pode compreender. Mas com a boa vontade de muitos e a ajuda de outros, lá se foram adquirindo mais algumas ambulâncias e com alguma participação do Estado, um pronto-socorro pesado, Fiat Bariby, que eu próprio tive ocasião de ir levantar a Macedo de Cavaleiros, na companhia do Comandante Jeremias, pois para ali tinha sido transportado num camião da firma fornecedora.

Começaram por essa altura a verificar-se alguns incêndios florestais e penso e concluo sobre este facto o mesmo que a maioria das pessoas: mais de 90% dos incêndios que hoje em dia se verificam são fogo posto e por isso de origem criminoso. Quando em casos de descuido ou negligência, as pessoas dão-se à culpa na maior parte dos casos. Eu próprio me vi confrontado com algumas dessas situações. Saliento até um caso de acudir a um incêndio, perto de Gebelim, em que dois velhinhos já sem forças, todos transpirados e com duas giestas na mão, vieram de imediato ter comigo a pedir desculpa pelo sucedido.

Outro material se foi adquirindo de acordo com as nossas necessidades, como um Jeep Toyota, para transporte de pessoal, um pronto-socorro ligeiro Toyota, com capacidade para 300 litros de água e ainda outro pronto-socorro da mesma marca, mas com capacidade para transportar 3.000 litros de água.

Passei muitas noites a transportar doentes, em incêndios e até por outros motivos. Tinha um grupo de Bombeiros prestáveis e bons, sempre prontos para ajudar quando era necessário e que não envergonhavam ninguém, sempre guiados pelo nosso velho lema de *"Vida por Vida"*.

No início dos anos setenta foi construída a barragem da Esteveinha, que servia Alfândega da Fé. Muita gente começou a ir para ali nadar e algumas vidas ainda lá se perderam. O Comandante Jeremias entendeu assim pedir o material que considerava necessário para acudir nessas aflições. Em determinada altura recebemos um barco de fibra de vidro, com um motor de 90 cavalos, bóias e o restante material que entenderam como necessário para

assistência aos banhistas. Fui eu, apesar de não saber nadar, que recebi todas as indicações para o bom funcionamento, as quais transmiti de imediato a bons nadadores que havia na corporação. Andei muitas vezes nesse barco, devidamente protegido com um colete de salvação, e foi assim que eu e outro Bombeiro retirámos da barragem um jovem que ali se tinha afogado.

Com os Bombeiros e outros voluntários consegui que em dois fins de semana se construísse junto à barragem um pequeno armazém para recolha do barco e restante material. No primeiro fim de semana construíram-se as paredes e no segundo foi aplicada uma placa de cobertura. Só teve que se mandar fazer a porta a um ferreiro da terra. O material foi gentilmente fornecido pela Câmara Municipal dessa época.

Tudo se procurava conseguir para uma corporação carente de material. O nosso Comandante Jeremias recebeu, em determinada altura, cuja data não posso precisar bem, a informação de que havia em Beirolas viaturas militares que poderiam ser distribuídas aos Bombeiros. Nessa altura o nosso Comandante era também o Presidente da Federação do Bombeiros do Distrito de Bragança. Estavam já em Beirolas quatro viaturas destinadas ao distrito, para os mais carenciados de material. Numa ambulância da corporação de Moncorvo e por determinação do Presidente da Federação, fui eu indigitado para ir a Lisboa em companhia de um bombeiro de Moncorvo, um de Vila Flor e outro de Carrazeda de Anciães. Cada um traria uma GMC que nos estava destinada e um outro traria a ambulância que acompanharia a coluna. Tinham solicitado para levar algum óleo se necessário e uma bateria para cada carro. Quando entramos em Beirolas fomos olhando para o mundo de veículos que ali havia, a maior parte proveniente das nossas antigas colónias, só não olhávamos para as que nos estavam destinadas. Quando nos aproximamos das mesmas recordo que uma delas nem volante tinha! Um responsável pela entrega informou que podíamos ir levantar o material que faltasse destinado a pôr as mesmas em funcionamento. Penso que nem numa semana o faríamos, dado o estado das viaturas. Entendi por bem vir fora do

quartel fazer um telefonema de uma cabine, para o Comandante Jeremias, o qual depois de bem compreender a situação nos mandou regressar a casa.

Mais tarde e depois de vários procedimentos, fomos buscar efetivamente uma GMC, por nós escolhida, mesmo assim uma má aquisição, por ser um carro a gasolina e de elevado consumo, mas que pintado de vermelho e com um tanque de fibra, doado pela Câmara de então, ainda fez algum serviço e transportou água para algumas aldeias na época do verão.

Para além desta viatura também fomos buscar uma Bedford, que andou muito tempo nos incêndios florestais, uma Magirus e um Jeep Kaiser, que utilizei como carro de comando por algum tempo, viatura que eu próprio arranjei, pintei e preparei, totalmente por minha conta e risco, tendo mesmo conseguido um seguro, que me permitiria andar no mesmo sem riscos. Mais tarde fomos ainda a Aveiro por uma viatura Unimog, que não teve grande utilidade por ser muito lenta e pouco estável. Todas estas viaturas, devido aos consumos elevados, mas sobretudo pela sua difícil legalização, foram sendo postas de parte. Julgo que ainda foram todas vendidas para a sucata por aproximadamente oitocentos contos.

Em Beírolas vi dezenas de viaturas que seriam bem aproveitadas pelos Bombeiros Voluntários e sei que outras tantas dezenas estariam espalhadas por todo o país em unidades militares. Acontece que algumas dessas viaturas já tinham em falta alguma caixa de velocidades, ou outra peça qualquer essencial, o que obrigava quem as fosse depois levantar já ter na instituição de destino as peças em falta para fazer as reparações. Corrupção sempre houve, há hoje, e continuará a haver se não puserem de vez termo a esta situação.

Foi-nos ainda doado por uma escola de condução da terra uma viatura pesada que andava na formação de condutores e que ainda está hoje na corporação, transportando uma escada angus, quando necessário.

Foi também doada por um emigrante uma viatura Mercedes, que estava apreendida na alfândega, na qual foi aplicado um

tanque e passou a ser um pronto-socorro ligeiro que fez muitos anos de serviço para a corporação.

Mais tarde fui ainda a Vila Real buscar um carro destinado ao Comando, um jipe Nissan, atribuído à Corporação pelo Serviço Nacional de Bombeiros.

Tenho de salientar aqui a boa vontade e a habilidade de um auxiliar mecânico que prestava a maior parte do serviço para a corporação.

Os primeiros convívios dos Bombeiros, alusivos à época do Natal, foram feitos na própria Associação. Recordo que o que mais tínhamos em atenção eram as crianças e os filhos dos bombeiros e diretores. A Associação apenas comprava meio fardo de bacalhau e algum polvo e tinha o cuidado de comprar os brinquedos para as crianças. Havia sempre um Bombeiro que trazia algumas batatas, outro que trazia uma couve, o Comandante Jeremias dava a pinga, que era sempre de boa qualidade, algumas esposas dos Bombeiros confeccionavam os bolos. Depois era só pedir um fogão industrial, que prontamente era emprestado e colocar as panelas em cima, à entrada do grande salão que possuíamos e se prestava para este fim. As esposas dos Bombeiros cuidavam das mesas e de todo o serviço.

O momento mais importante era sempre o da distribuição das prendas às crianças, como se compreende.

Mas não deixei, porém, de ter alguns problemas difíceis de resolver e que podem existir em qualquer outra instituição.

Uma das coisas existentes na Associação era um bar, que pela sua localização e aspeto começou a ser frequentado por muito boa gente da terra, que ali ia tomar o seu café. Já existia um bilhar, onde nas férias os próprios estudantes passavam parte do seu tempo em agradável convívio. Acontece que em determinada altura um grupo de senhores entendeu que ali se podiam também entreter a jogar as cartas. E do simples entretenimento passaram a jogar as cartas com dinheiro, o que começou a tornar o bar numa inquietação. Ali se começaram a passar algumas noites no referido jogo e ali chegaram também a ir familiares buscar os jogadores,

o que não estava a dar à Associação a dignidade e o respeito que ela e os Bombeiros mereciam. Em determinada altura vi-me mesmo confrontado com alguns Bombeiros, informando-me que pediriam a sua demissão se o jogo não acabasse, pois na pequena sala onde isso acontecia encontravam-se arrumadas as boas fardas de gala que possuíam, às quais, com o entusiasmo, alguns senhores limpavam as mãos depois de comerem um bom prego que mandassem buscar fora da Associação para se alimentarem e continuarem a jogar. Foi uma situação que resolvi, mas que me ficou cara, pois dela resultaram algumas inimizades com que não contava, mas tudo continuou em bem.

Em 1992 foi satisfeito o grande sonho do Comandante Jeremias, a construção do novo quartel de Bombeiros. As novas instalações proporcionaram de momento um melhor funcionamento de todos os serviços. Começou a existir uma central com pessoal a tempo inteiro e já com algum apoio para esse fim. Uma construção com alguns anos de espera e com burocracias de toda a ordem, que não foram fáceis de resolver. Passamos a ter a casa-escola para os Bombeiros, a sala de aulas, as camaratas, uma casa para viver o quarteiro permanente, a parada para dar a instrução, um gabinete para o Comandante, uma secretaria, uma sala da Direção e quase tudo o que o nosso Comandante Jeremias sonhava.

De salientar que, em meu entender, o quartel não foi construído com as valências que todos desejávamos e muito cedo começaram a aparecer problemas com os quais não se contava.

Com um corpo de Bombeiros sempre do sexo masculino, apareceram em determinada altura no quartel cerca de meia dúzia de elementos femininos, demonstrando interesse em se inscrever como Bombeiras. Pareceu-me um pouco estranho e pedi que fossem à corporação passados poucos dias, para ver a possibilidade da sua inscrição. O tempo suficiente para consultar o senhor Inspetor da Zona Norte e falar com a Direção no sentido de conseguir uma pequena camarata para esses elementos femininos. Com algum fardamento gentilmente oferecido pela Polícia, foi possível fardar as referidas Bombeiras e começaram, como é óbvio,

a ter alguma instrução.

Estranhei que um grupo tão elevado viesse quase em simultâneo pedir a sua inscrição. Percebi isso quando uma das inscritas me apresentou o motivo, entregando-me uma cópia do Diário da República onde constava uma legislação que concedia isenção de propinas a quem fosse Bombeiro Voluntário.

Da meia dúzia de inscritas apenas ficaram três, que assumiram inteiramente a inscrição que tinham efetuado, cumpriram como qualquer outro Bombeiro a sua missão e que hoje vejo, infelizmente, fora da terra, por falta de empregos, mas que tiraram os seus cursos e estão noutros locais a trabalhar com as suas vidas devidamente organizadas e bem encaminhadas.

Como dizia o Comandante Jeremias, se fosse hoje teria feito tudo o que fiz, com o mesmo entusiasmo e a mesma boa vontade. Também como ele, quando hoje sinto o toque da sirene, saio de casa e procuro saber onde é.

Fui Bombeiro antes e depois da revolução de Abril. Colaborei sempre da mesma maneira e até ao ano de 2000, data em que pedi para ser desligado do serviço, nunca ninguém me viu inscrito ou filiado em qualquer partido político. Quis sempre servir toda a população do concelho e os Bombeiros da melhor maneira e com toda a isenção.

Com outros Bombeiros da minha corporação, de outras corporações do distrito e infelizmente de todo o país, também corri muitas vezes para fugir ao fogo, também percorri muitos quilómetros em marcha atrás por caminhos estreitos e sinuosos, também corri muitos perigos e pela graça de Deus ainda estou vivo.

Ainda no meu tempo de Comandante conseguimos a aquisição de uma viatura Volvo, já com a capacidade de oito mil litros de água, muito útil para a corporação e que eu, conjuntamente com um mecânico auxiliar, tive ocasião de ir buscar a Leiria, numa distribuição de viaturas que foi feita pelo Senhor Ministro de Administração Interna desse tempo.

No que diz respeito a saúde, e como todas as pessoas sabem,

antigamente o número de emergência solicitado era o 115.

Mesmo como Comandante também tive ocasião de transportar um elevado número de doentes quando, por escassez de pessoal, o serviço a isso nos obrigava.

Também procurei estar sempre presente nos poucos cursos de socorrismo que se iam conseguindo e dos quais sempre ficavam alguns conhecimentos e formação. Era essencial conhecer, de acordo com cada caso, o estado da vítima, observação da cor da pele, da consciência, das pupilas dos olhos, se havia hemorragias, verificar a respiração, o pulso e em certos casos como colocar a vítima na tão conhecida *“Posição lateral de Segurança”*.

Recordo aqui o tempo em que se utilizavam talas de madeira e lenços de pano para imobilizar as fraturas e mais tarde a *“Maca de Coquilhe”*, para transportar os sinistrados, os meios mais corretos a ter em caso de envenenamentos e a aplicação conveniente do oxigénio. O nosso objetivo principal era apenas o de chegar com a vítima ao Hospital mais próximo, nas melhores condições possíveis, e entregá-la aos médicos para tomarem as decisões que entendessem por convenientes.

E permitam-me que diga, que se há algum motivo que deixe triste um Bombeiro, pelo menos a mim, era o falecimento de uma vítima numa ambulância. Em centenas de transportes que efetuei apenas tive dois casos, que não esqueço mais, embora me tenham informado serem impossíveis de salvar.

Relembro aqui um caso pontual que não posso esquecer. Numa determinada noite bateu à minha porta um vizinho, que me pediu para transportar ao Hospital um ferido grave que tinha batido à sua porta, por ter tido um acidente num ciclomotor que conduzia. Ainda hoje não consigo perceber como é que esse acidentado percorreu a pé dois ou três quilómetros, com uma fratura de crânio, como se verificou, quando deu entrada no nosso hospital. O médico de serviço prestou-lhe os primeiros cuidados e mandou de imediato o doente seguir para o Hospital Regional de Mirandela. Acompanhou-me um Chefe dos Bombeiros que residia perto do Hospital. Ao entregar o sinistrado em Mirandela, a médica e os

enfermeiros de serviço procuraram ver se a vítima trazia algum documento no bolso, que permitisse a sua identificação. Qual não foi o meu espanto quando o enfermeiro tira do bolso do homem um pequeno embrulho de papel que continha droga, liamba, segundo informou, que eu nem nunca tinha visto. A senhora doutora mandou de imediato chamar a polícia, para tomarem conta da ocorrência, mas fez o que pode ao doente e mandou-nos seguir de urgência para o Porto. Pelo caminho notamos que o sinistrado não ia a receber o soro convenientemente. Paramos em Murça para recorrer ao Hospital, para nos ajudarem a resolver o problema.

Aqui neste Hospital apareceu um casal, que dirigindo-se a mim me perguntou se era eu quem transportava o doente. Quando fiz essa confirmação e lhe disse que o doente continuaria a viagem para o Porto, apenas me disse: *“se o meu filho depois de curado continuar a proceder como até aqui, que Deus mo leve, e não me faça sofrer mais.”*

Continuamos a viagem e em Vila Real entramos novamente no Hospital para resolver o problema do soro. Neste Hospital pediram-nos desculpa, mas disseram-nos que o doente tinha que seguir numa ambulância de Vila Real, de teto alto, pois a nossa ambulância Peugeot era muito baixa e não permitia bem a entrada do soro. Foi de imediato transferido e seguiu para o Porto. Passados dois ou três dias chegou a notícia de que o sinistrado tinha acabado por falecer. No local do acidente tinha ficado morto um colega que o acompanhava, mas só tivemos conhecimento disso quando regressamos.

O COMANDANTE JEREMIAS

O Comandante Jeremias foi um homem que ficou na história dos Bombeiros Voluntários, a nível local e nacional, pela sua dedicação e trabalho para tão nobre causa e ainda hoje é lembrado frequentemente por todo o país.

Não podia também aqui deixar de o evocar, uma vez que com ele trabalhei como Bombeiro Voluntário durante cerca de trinta anos. Como seu Ajudante de Comando com ele colaborei no transporte de doentes, em incêndios, em tudo o que se relacionava com os Bombeiros. Com ele passei muitas noites na pequena e modesta secretaria da Associação, datilografando os ofícios na velha e antiga máquina de escrever que existia, bem como os mapas que dentro dos prazos tinham de seguir para a Inspeção Regional de Bombeiros do Norte. Quando em 1984 o substituí, a seu pedido, como Comandante, muitas vezes lhe pedi os seus conselhos e os seus ensinamentos, sempre muito úteis.

Mas para além do bom Bombeiro, era um bom chefe de família, cidadão participativo, de boas relações públicas, um bom comerciante, sendo até designado como sócio trabalhador, um prático que sabia de tudo um pouco, que para além da agricultura tinha bons conhecimentos de mecânica, e de muitas outras coisas. O Centro Comercial, nome da firma onde o Comandante trabalhava, era uma das melhores ou a melhor da terra, e como já referi, ficava contígua à casa dos meus pais. Muitas noites, por volta das quatro ou cinco da manhã e quando eu já estava a meio do meu sono, ouvia a voz do Comandante Jeremias a fazer as primeiras recomendações ao empregado que o acompanhava. Procurava saber se as cordas da carga do carro que tinha pernoitado à porta e que ficava mesmo por baixo do quarto onde eu dormia, estavam bem apertadas e se tudo estava em ordem. De seguida, sentia o motor a trabalhar e sabia que lá ia o Comandante Jeremias para o

Porto, ou para qualquer outro lugar, a transportar alguns produtos da terra e de regresso a trazer mercadoria para vender no comércio.

Era casado com a D.^a Maria Cândida, esforçada professora que foi, em Parada, Eucísia, e por fim em Valverde, senhora bem conhecida por todos os alfandeguenses. Ainda me recordo de ela ser transportada das escolas numa pequena carroça, o meio de transporte da época, que um dos seus empregados ia levar e trazer.

Mãe e esposa exemplar, do casamento nasceram quatro filhos, Maria Luísa, António Clemente, Maria Felicidade e Luís Jeremias.

Da boa relação da minha família com a do Comandante Jeremias, que eu conheci desde criança, ficaram sempre algumas memórias, que não são possíveis esquecer. O senhor Jeremias era um bom comerciante e uma pessoa bastante conhecida, não só como Comandante dos Bombeiros, como por muitos outros bons serviços que prestava à nossa terra. Ainda recordo o bom Comandante como ator numa peça de teatro aqui realizada nos bons velhos tempos, *“As pupilas do senhor reitor”*, em que ele representava o *“João Semana”* e que por acaso também contracenava com ele o meu pai, que representava o *“José das Dornas”*.

Dinâmico e participativo, exercia a sua cidadania e colaborava em todos estes teatros e cortejos de oferendas e muitas outras festas, que tinham sempre como único objetivo ajudar as instituições da terra, muito em especial os nossos Bombeiros.

Mas todas as boas relações existentes aumentaram quando fui para os Bombeiros. Todo o trabalho que o ajudei a completar, os serões passados no gabinete dos Bombeiros e talvez o facto de eu já estar casado e com três filhos, fazia com que muitas vezes, nas nossas conversas, tivéssemos alguns desabafos que completavam as nossas noites de trabalho, alguns mais agradáveis, outros menos felizes, mas sempre encarados pelo Comandante Jeremias com a responsabilidade e a determinação adequada a cada momento.

A primeira história que me contou o Comandante Jeremias, numa dessas noites, foi a sua integração nos Bombeiros.

Nomeado Comandante, entendeu deslocar-se ao Porto e dirigir-se ao Batalhão dos Sapadores daquela cidade, com o fim

de ali poder solicitar alguma instrução que no início o pudesse ajudar na preparação dos seus Bombeiros, em Alfândega da Fé. Ia vestido com o seu melhor fato-macaco e com o fardamento usado nessa época. Qual o seu espanto quando alguém o informou que a pessoa que o poderia atender não recebia ninguém de fato-macaco! Valeu-lhe um Chefe do referido batalhão, por acaso até um transmontano, que apercebendo-se da boa intenção do nosso Comandante o chamou ao seu gabinete e lhe recomendou que viesse tranquilo para casa, uma vez que dentro de dez ou vinte dias teria em casa os documentos necessários para iniciar a sua instrução. Não podemos esquecer que no ano de mil novecentos e trinta e quatro ainda não havia telemóveis e muito menos internet. Mas passados os dias prometidos, o nosso Comandante tinha em Alfândega da Fé uma pasta com as folhas necessárias, datilografadas pelas antigas máquinas de escrever, com que lhe foi possível ministrar as primeiras instruções, pasta esta que ainda passou muitas vezes pela minha mão e à qual eu também recorri muitas vezes. Provavelmente alguns recordam ainda os diversos tempos que tinham que efetuar para manusear em boas condições os quatro lances de uma escada portuense em madeira.

O senhor Jeremias era uma pessoa com profundos conhecimentos a nível de agricultura como já referi, e não posso deixar passar aqui a minha ignorância nesse aspecto, pelo interesse que ainda hoje manifesto por tal atividade. Entendi em determinada altura que devia pedir à minha sogra autorização para semear algum cereal numa terra que estava um pouco desprezada. Fui precisamente à casa comercial do senhor Jeremias adquirir vinte e oito razões de trigo para semear. Procedi ao arranjo da terra e semeei o cereal. Quando vi o trigo a crescer, comentei com o Comandante Jeremias a situação. O experimentado Comandante perguntou-me com determinação: - *"Ó Manuel aplicaste-lhe adubo?"* - *"Não Senhor Comandante"*, respondi eu. Resposta imediata do nosso Comandante: - *"Foi o que lucraste; se tivesses deitado adubo já perdias dinheiro."* Comecei a saber pelo nosso Comandante o que era a agricultura.

Bom conversador, e bom relacional e disponível para todos, eram atributos que faziam com que tivesse amigos em toda a parte. Tive ocasião de ir uma ou duas vezes com ele ao Porto e pernoitar na pensão Avis, onde ele habitualmente ficava. A mesa ao jantar tinha de ser sempre ampliada, pois muitos dos clientes queriam jantar na companhia do senhor Ferreira, como era conhecido na referida pensão e demais locais de trabalho.

Quero aqui recordar um dos dias iguais a muitos outros, em que o Comandante me perguntou se tinha possibilidades de o levar a Bragança, ao aeroporto. Respondi de imediato que sim e ele explicou-me o fim. Tinha falecido em Lisboa, em condições trágicas, um alto dirigente da Liga dos Bombeiros Portugueses e o nosso Comandante fazia questão em se fazer representar. Telefonou para o aeroporto de Bragança e deslocou-se a Lisboa no modesto e pequeno avião de quatro ou cinco lugares que fazia a carreira de Bragança para Lisboa e assim esteve presente como era a sua pretensão.

Mas como ser humano que era, também o nosso Comandante teve alguns problemas e alguns desgostos em toda a sua vida, alguns dos quais dos mais duros que o ser humano pode enfrentar.

Recordo um acidente que teve numa garagem do Porto onde estacionava o carro, próximo da pensão onde dormia, tendo caído do cimo do carro para o chão da garagem, quando ajudava o seu empregado a apertar a carga do mesmo e mais tarde um acidente com o camião da firma, já perto de Alfândega da Fé, carregado de tijolos, que tombou para fora da estrada pela cedência da berma que teve que utilizar ao cruzar com outra viatura, devido à pouca largura do pavimento, de que lhe resultaram graves ferimentos em ambos os casos.

Não posso também deixar de mencionar aqui uma situação que dá bem a entender o que era este grande Comandante e este Bombeiro. Em determinada altura da sua vida foi submetido a uma operação bastante melindrosa, que o teve internado numa casa de saúde durante algum tempo e com certos cuidados. Eu próprio nessa altura me desloquei ao Porto com dois dos Chefes

da corporação que mostraram interesse em me acompanhar. Confesso que regressamos apreensivos com o seu estado de saúde e até calados na viagem de regresso. Mas passado algum tempo o Comandante, ainda em tratamento, regressou à nossa terra e bastante melhor. Mas, qual não foi o meu espanto, quando passados alguns dias, andando com Bombeiros na serra do Reboredo, em Moncorvo, a ajudar outras corporações, me aparece no alto da serra, na companhia de um Bombeiro de Moncorvo, o nosso Comandante, ainda com ligaduras da operação e em tratamento. Quando lhe perguntei, quase a ralar, mas com todo o respeito, o que estava ali a fazer depois da dita operação e ainda em convalescença, o Comandante limitou-se a responder que nos ia a ajudar, caso necessitássemos dos seus serviços!

Impressionava-me a sua coragem, a determinação, a maneira como encarava os problemas que lhe iam batendo à porta e destes, alguns, tristes, que tenho de recordar.

Numa das primeiras noites que com ele passei nos Bombeiros, teve para comigo o seguinte desabafo: - *“Já pensaste, Manuel, o que é ir buscar uma filha ao Porto, na ambulância, pedirem-te oitenta contos e entregarem-te a filha já sem vida para trazer para casa?”* Compreendi perfeitamente o sentimento do Comandante Jeremias. Para ele não estavam em causa os oitenta contos que ele ainda tinha para pagar, embora nessa altura fosse muito dinheiro. Para o nosso Comandante estava em causa o facto de trazer a filha já sem vida e na ambulância que ele próprio fez questão de ir conduzir. A concluir o curso do Magistério Primário, a sua primeira filha, a Maria Luísa, a menina por todos tão estimada em Alfândega da Fé, faleceu com vinte e quatro anos de idade, em trinta e um de Outubro de mil novecentos e cinquenta e oito.

Em janeiro de mil novecentos e setenta e três, o filho do Comandante Jeremias, António Clemente, formado em económicas-financeiras, encontrou-se doente, com um problema cardíaco e foi para Londres para ser operado. No dia vinte e seis desse mês e como habitualmente nos Bombeiros, recebeu um telefonema o nosso Comandante, a informar que a operação do

filho tinha corrido bem, que já se encontrava melhor e que até já tinha ido à rua a dar um pequeno passeio. Nunca tinha visto o nosso Comandante tão perturbado como nesse dia, o que me levou a perguntar-lhe: - *“Ó Comandante Jeremias, então com esta notícia de que tudo correu bem é que fica assim tão apreensivo?”* A resposta dele nunca mais a esqueci: - *“Sabes, a prática da vida diz-me que não há ninguém na vida que não tenha ligeiras melhoras, antes de vir uma fatalidade.”* No dia seguinte veio a triste notícia, que o seu filho e meu grande amigo, António Clemente, havia falecido. Tinha trinta e quatro anos de idade. Depois de todas as diligências que foi necessário tomar, fui eu que no nosso pronto-socorro Bedford o fui buscar ao aeroporto do Porto e o transportei para Alfândega da Fé.

No dia dez de Novembro do ano de mil novecentos e noventa e um o Comandante Jeremias solicitou-me para ir a um Congresso em sua representação, em virtude de a sua esposa, D. ^a Maria Cândida, se encontrar bastante doente. Prontificou-se o então Presidente da Associação para me acompanhar e acompanharam-nos as respetivas esposas, uma vez que íamos no carro particular do Presidente da Direção.

Não havia nessa altura nem telemóveis, nem os meios de comunicação a que hoje temos acesso. O certo é que dentro da sala alguém solicitou uma pessoa de Alfândega da Fé para ir atender uma chamada. De imediato procurei ir ver o que se passava. A notícia não se fez esperar: tinha falecido a esposa do nosso Comandante. Estava mesmo a terminar o Congresso. Dirigi-me à mesa do Congresso para me despedir do então Presidente da Liga e lhe comunicar que tinha falecido a esposa do nosso Comandante e que iríamos regressar com a brevidade possível. Na mesa ainda estava um grande ramo de flores como era habitual nestas ocasiões. Pedi ao Presidente da Liga se me autorizava a trazer aquele ramo para oferecer ao nosso prezado Comandante, o qual de imediato me disponibilizou. Quando regressamos a Alfândega da Fé, fomos diretamente a casa do Comandante a colocar o ramo das flores junto da urna onde estava depositada a D. ^a Maria Cândida. Cada

pétala daquelas flores representava um Bombeiro dos muitos que estavam no Congresso e que tanto consideravam o Comandante Jeremias.

Em setembro do ano de dois mil e um, temos a notícia da grave doença do seu filho mais novo e pouco depois do seu falecimento, o Luís Jeremias, professor de educação física, no Porto, com cinquenta e dois anos de idade e um grande amigo de toda a gente. Também deste seu filho tive o cuidado de pedir à Agência Funerária local, gente amiga, se os podia acompanhar ao Porto. Imediatamente me responderam que sim, pelo que também tive a honra de acompanhar até Alfândega da Fé o seu filho Luís.

Da família direta do Comandante Jeremias, resta apenas hoje uma filha, a Dra. Maria Felicidade, a qual teve o cuidado de mandar restaurar a casa de seus pais e onde passa a maior parte do seu tempo, no adro da Vila e já colabora nos órgãos sociais dos Bombeiros. Um grande exemplo para muita gente que deixa a nossa terra a cair por todo o lado e ao abandono.

Em cinco de dezembro do ano de dois mil e cinco faleceu o nosso Comandante Honorário, Jeremias Clemente Ferreira. No dia anterior ao seu falecimento fui visitá-lo e quando me aproximei dele e lhe tentava dar algumas palavras de conforto, tendo querido convencê-lo que até o encontrava melhor, o mesmo Comandante de sempre com a sua responsabilidade e conhecimento da vida, apenas me dirigiu as palavras que ficam para sempre na memória de todos nós. *“Estás enganado, Manuel, estou mesmo muito doente e a dar já trabalho a muita gente, preciso de morrer.”* Foram as últimas palavras que ouvi do nosso querido Comandante.

A sua memória será preservada para sempre e relembrada no busto que se encontra no nosso quartel, em Alfândega da Fé, mandado executar pela Federação dos Bombeiros do Distrito de Bragança, de que eu nessa altura também fazia parte, bem como os Comandantes de Miranda do Douro e de Vimioso. Foi o senhor Comandante de Miranda, nesse tempo Presidente da Federação, que colocou a ideia numa reunião que tivemos, com a qual concordamos inteiramente e eu de uma maneira muito

especial, por se tratar do meu Comandante Honorário. Posso até salientar que quando surgiu a dúvida de quem nos poderia fazer esse trabalho os restantes elementos da direção da Federação ficaram surpreendidos, quando eu lhes disse que tinha um amigo desde a minha adolescência que até conhecia bem o Comandante Jeremias, de quem ainda era parente, que talvez se entregasse da execução do referido busto. De imediato passaram para mim a responsabilidade de tratar de todo o assunto, quando lhes dei o nome do meu inesquecível amigo, escultor Mestre José Rodrigues. O próprio Mestre ficou satisfeito quando lhe telefonei para o Porto e prontificou-se de imediato a proceder à execução do trabalho, que desde 27 de março de mil novecentos e noventa e quatro se encontra na entrada do nosso quartel de Bombeiros, o local que entendemos como mais apropriado para o colocar. Na pedra de xisto onde foi colocado o busto, por indicação minha ao Mestre, foi acrescentada uma frase, que ficou na minha memória, quando me propôs como Comandante e que é a prova do Bombeiro Voluntário que era: *“Se fosse possível, seria bombeiro mais cinquenta anos”*.

Na inauguração deste busto estiveram presentes várias entidades civis e militares, assim como representantes da Liga e dos Bombeiros Portugueses.

O Comandante Jeremias doou à Associação todos os originais das suas lembranças e recordações, relativas aos Bombeiros, bem como medalhas e condecorações, inclusive o crachá de Ouro de mais de cinquenta anos de serviço e a Comenda do Grau de Oficial da Ordem de Benemerência, atribuído por proposta da Câmara Municipal de Alfândega da Fé, por serviços prestados fundamentalmente aos Bombeiros, em outubro de 1980, pelo então Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, encontrando-se tudo exposto num pequeno espaço, à entrada para o gabinete do Comandante.

QUE BOMBEIROS SOMOS

Como Bombeiro no Quadro Honorário desde o ano de 2000 e ao pretender falar nos Bombeiros que hoje somos, senti a responsabilidade de dar conhecimento ao senhor Presidente da Direção dos Bombeiros de Alfândega da Fé, que atualmente também é Presidente da Federação dos Bombeiros do Distrito de Bragança, uma vez que ninguém melhor do que ele poderia dizer o que entendesse por mais conveniente, pelo que transcrevo na íntegra o que gentilmente se dignou relatar, recordando apenas que o texto se reporta à realidade de 2018, quando foi escrito:

“Os bombeiros do séc. XXI, no que diz respeito a formação e equipamento, pouco têm a ver com os bombeiros do séc. XX. Orgulham-se da sua história, em cada missão procuram dignificar, sempre o seu nome e o de todos aqueles que ao longo do tempo exerceram as mais variadas funções nesta Associação. A palavra voluntariado ganhou uma nova dimensão, agora as missões são desempenhadas com enorme profissionalismo por gente formada e com equipamento adequado. Voluntários são todos na entrada; a partir do momento que vestem uma farda passam a ser os mais profissionais de todos. O esforço da Direcção, do Comando e de todos os homens e mulheres que integram esta Associação para manter a dinâmica e a funcionalidade da mesma tem contado com a colaboração de todos, comunidade alfundeguense, entidades de nível Concelhio, Distrital e Nacional. O papel da Autarquia que desde a última década do séc. XX passou a pagar a despesa inerente ao funcionamento de uma central telefónica e a partir da segunda década do séc. XXI passou a suportar, conjuntamente com a ANPC, o pagamento dos vencimentos de uma Equipa de Intervenção Permanente (EIP) veio, em muito, aumentar a capacidade operacional da Associação.

Hoje em dia cada dificuldade é um desafio que procuramos

vencer com espírito voluntarioso mas profissional, a sociedade exige isso e nós respondemos.

Um exemplo da alteração de paradigma está bem patente no quartel; quando foi construído obedecia a uma determinada tipologia, casa do quarteiro, garagem diminuta, torre de treino, cobertura em amianto, dificuldade de acesso para pessoas com mobilidade reduzida, etc.. Hoje está a sofrer obras de requalificação num montante de cerca de quatrocentos mil euros, que visam melhorar a sua funcionalidade e por isso, tudo o que é atendimento público, gabinetes de comando e direção, zonas de estar do pessoal (sala do Bombeiro e copa), central telefónica, quarto da equipa de serviço vinte e quatro horas, armazenamento de material, lavandaria e balneários passam para rés-do-chão, enquanto as zonas de descanso passam para o piso superior, constituído por camaratas e balneários, não se tendo esquecido as zonas masculinas e femininas. As obras incluem ainda a remoção de todo o amianto das coberturas e a instalação de uma sala de formação sobre a estação de serviço, para além de outras pequenas alterações. No global o projecto procura abarcar três áreas fundamentais: maior operacionalidade/funcionalidade, igualdade de género, protecção do meio ambiente.

Apesar de sermos um concelho que, tal como todos os concelhos do interior, está a envelhecer e a perder população, temos mantidos inscritos no quadro de pessoal cerca de oitenta elementos, o que é muito bom para os bombeiros e para a nossa terra.

Nos meses, por norma, de Julho, Agosto e Setembro, temos integrado um dispositivo de âmbito nacional de combate a incêndios rurais. A nossa Associação tem contribuído com três equipas permanentes mais a EIP, o que representa um valor acima da média distrital. Actualmente cada homem que integra este dispositivo recebe uma pequena ajuda que corresponde a cinquenta euros por cada vinte e quatro horas de serviço (é pouco, isto corresponde a dois euros e dois cêntimos por hora). Este dispositivo já tem antecipado, em todo ou em parte a sua entrada em funcionamento e adiado o seu término, tal como está

a acontecer neste ano, que vai continuar disponível ao longo do mês de Outubro. Refira-se que também no presente ano o nosso concelho tem sido um dos mais fustigados pelos incêndios, pelo que temos contado com a presença física de bombeiros dos concelhos vizinhos em resultado de uma planificação de nível distrital que, hoje em dia, é feita com mais profissionalismo e rigor.

Até ao fim do séc. XX o socorro à população era feito por operacionais voluntariosos e zelosos mas com pouca formação; foi já na última década desse século que a nossa Associação passou a integrar a rede INEM como posto de reserva; foi exactamente no dia em que estando a decorrer uma obra de alargamento da garagem (TNS) e após o enchimento da placa de cobertura e terraço este desabou. Foi um episódio marcante na Associação mas para lá das implicações materiais não houve qualquer incidente envolvendo pessoas. E é já no final da primeira década do nosso século que passamos a integrar a rede INEM com um posto INEM. Para que isso tivesse acontecido foi preciso investir em equipamento e formação e ter usado uma argumentação fundamentada. Do tempo em que não tínhamos qualquer homem devidamente formado passamos para uma fase em que contamos nas nossas fileiras com oito homens com curso TAS, podendo assim serem constituídas equipas que asseguram o socorro vinte e quatro horas por dia. Os restantes motoristas, apesar de não estarem formalmente habilitados a prestar socorro, quando são chamados a fazê-lo, fazem-no com elevado zelo e profissionalismo, porque também eles possuem treino básico para o efeito.

Os custos de funcionamento desta estrutura têm outra dimensão, de três ou quatro centenas de contos na década de oitenta/noventa ascende agora a mais de meio milhão de euros (mais de cem mil contos) e orçamentos desta natureza só são possíveis com a receita dos serviços prestados (especialmente na área da saúde) mas também com o financiamento da autarquia e do poder central.

O parque de viaturas também tem sido constantemente renovado; na área da saúde já não temos só ABTM, também temos

VOPS e VDTD. Nos últimos tempos adquirimos quatro novas viaturas para esta área e estamos neste momento a aguardar que nos seja entregue uma outra para o socorro, adquirida no âmbito de um protocolo celebrado entre a Liga dos Bombeiros e o Instituto de Emergência Médica, em que gradualmente todos os veículos que tenham ultrapassado a idade útil serão substituídos. Só em dois mil e dezoito foram contempladas setenta e cinco Associações e entre elas a nossa. Na área de combate a incêndios também temos renovado o parque, tendo sido adquiridas quatro novas viaturas, três de combate directo e uma carrinha 4x4 para o comando; das três primeiras viaturas uma foi para substituir um carro perdido num incêndio em dois mil e dez, nos Picões, no local chamado buraco da Raquel, outro tem a versatilidade de no inverno poder ser equipado com um equipamento de limpeza de estradas, limpa neves e espalhador de sal, esta foi uma nova valência ganha pelos Bombeiros no âmbito da instalação das EIP,s nos corpos de bombeiros, fruto do trabalho de uma equipa vasta e que integrava a Liga de Bombeiros Portugueses”.

Concordo inteiramente com a descrição apresentada e gentilmente fornecida pelo Presidente da nossa Associação de Bombeiros Voluntários de Alfândega da Fé e mal seria que com o aumento de serviço e das solicitações que temos, tivéssemos os mesmos meios do séc. XX.

Fico reconhecido pelos apoios que hoje são prestados, muito em especial pelas Autarquias. Durante todo o meu tempo de serviço prestado aos Bombeiros tive ainda ocasião de pertencer a direcções autárquicas que, salvo raras excepções, não davam um tostão que fosse para os Bombeiros. Recordo até que quando foram adquiridos os primeiros dois rádios para instalar nas viaturas, foi o Comandante Jeremias que assinou o cheque para que os mesmos viessem e pudessem ser pagos quando houvesse dinheiro. Eram efetivamente outros tempos e havia outras dificuldades. Provavelmente ainda prestam serviço no quartel alguns Bombeiros que gastaram nos incêndios florestais fardas verdes que nos eram

fornecidas pelo exército, quando já não tinham uso no serviço militar.

Fico muito satisfeito com a formação que hoje tem muito do nosso pessoal, o que entendo como fundamental e que já permitiu salvar no próprio quartel um dos nossos homens. Noutros tempos isto era muito difícil.

Não poderemos deixar apagar o nome de todos os que trabalharam para tão nobre causa, apenas pelo amor ao Voluntariado, e sem qualquer remuneração.

Como escreveu o nosso Presidente da Liga dos Bombeiros de Portugal, no jornal do passado mês de setembro: *“Não abdicamos nem abdicaremos da nossa Missão”*.

QUE BOMBEIROS QUEREMOS SER?

Comecei este meu muito modesto trabalho em fins do ano de dois mil e dezoito. A aproximação da apanha da azeitona, que antecipadamente tinha de preparar, obrigou a que, por algum tempo, procedesse à interrupção do mesmo.

Mas muito em especial, os incêndios que se tinham verificado, o número de corpos carbonizados naquela estrada da morte e o facto de ter estado ligado aos Bombeiros cerca de trinta anos, em particular nas funções de comando, levaram-me a estar a maior parte do meu tempo disponível preso à televisão, a ver o desenrolar das notícias e dos fatídicos acontecimentos.

Penso que a maior parte das pessoas nunca viu, ou sequer imaginou, uma pessoa morta e carbonizada num incêndio e não aconselho ninguém a ver. Eu já vi infelizmente, por ter sido Bombeiro Voluntário.

Ouvi notícias que me deixaram estupefacto e que não posso deixar de recordar, quando vi a própria senhora Ministra de Administração Interna a ser criticada por se ter emocionado quando estava a visitar o local, no dia do incêndio e perante aquele elevado número de pessoas falecidas. Só quem não tivesse, por bem pequenino que fosse, um coração, não ficaria emocionado. Que me desculpe a senhora Ministra, também reconheci, logo desde a sua posse, que não seria a pessoa mais indicada para tal cargo, mas parece que a sua demissão imediata seria motivo suficiente para atribuir as culpas a alguém e deixar o caso como encerrado.

Infelizmente, também eu, na altura de certos acontecimentos, tive ocasião de me emocionar, quando me desloquei há alguns anos a Armamar, em companhia do meu Comandante Jeremias, ao funeral de catorze Bombeiros que ali foram sepultados no mesmo dia, vítimas de um incêndio. Quem pode mais esquecer estas situações? Que sirvam ao menos de exemplo e se procure ter em

devida atenção os incêndios que se deslocam pela força do vento por qualquer encosta, os quais em instrução até são designados por incêndios em chaminé.

Para além da formação, a prática também é muito importante para o serviço dos Bombeiros. É indispensável um bom conhecimento de todos os caminhos rurais existentes, para ser possível aceder aos incêndios e fugir deles em caso de aflição.

Por volta dos anos noventa, quando em funções de comando, adquiri a minha corporação de Bombeiros, dois ciclomotores, que pouco mais custaram que uma dúzia de contos, nos quais se deslocavam dois Aspirantes a fazer vigilância, para diversos locais que o Comandante entendesse por mais convenientes, e mais estratégicos, em especial na época dos incêndios.

Para além disto, havia postos de vigia, saliento muito em especial os que mais serviam a nossa zona, um na serra de Bornes e outro na serra do Reboredo, com dois homens também permanentes, os quais com um simples e rudimentar quadrante ao seu alcance davam de imediato conhecimento de qualquer foco de incêndio, através dos simples rádios que se possuíam, ao Centro de Comando Operacional de Macedo de Cavaleiros, onde ainda cheguei a estar como Comandante Operacional e onde já estava um meio aéreo ao serviço. Isto bastava para que se chamasse à Central o piloto ali em serviço, que depois de ver no mapa o local da ocorrência, fazia levantar de imediato o meio aéreo ao dispor, na direção exata e indicada pelo posto de vigia. Confesso que chegamos a ter exceções, embora muito raras, pois quando chegava o meio aéreo já o fogo estava quase extinto, pelos dois homens que faziam vigilância com os ciclomotores.

Passei por várias fases e por muitas alterações. Em determinada altura até foi posta em causa a tipificação dos Corpos de Bombeiros, no que quase cheguei a acreditar, uma vez que os quartéis iam ser classificados de acordo com a área que tinham de assistir. Recordo que os Bombeiros de Alfândega da Fé tinham sido classificados no Tipo C, o que era uma classificação das mais elevadas para o nosso Quartel. Em pouco tempo tudo foi esquecido, uma vez que

muita gente não aceitou que tal avaliação assim se fizesse e, em certo ponto, até lhes dava razão, pois não se previu tudo o que daí podia advir.

Também já noutros tempos se entregou a Proteção Civil a pessoas que, por vezes, não sabiam o que fazer. Mas também ainda cheguei a conhecer senhores Governadores Cívicos que tiveram a seu cargo a Proteção Civil e que muito bem desempenharam as suas funções.

Reconheço que não temos cá no Norte áreas florestais tão grandes como no Centro e no Sul do país, mas sei que alguma coisa estará mal e, como Comandante que fui, tenho, como qualquer outro cidadão, a liberdade de expressar as minhas ideias.

O que não podemos, como aconteceu em dois mil e dezassete, é que continue a haver incêndios como em Pedrogão-Grande, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pampilhosa da Serra, Sertão, Góis, Penela, etc..

Não podemos continuar a ter incêndios em que percam a vida mais de cem pessoas. Não podemos admitir que falhem as comunicações, como o *Siresp* e outras do género. Não devemos continuar a admitir que continuem a funcionar mal, por vezes, alguns serviços do INEM.

Este ano já ardeu a serra do Monchique, já ardeu na Guarda e já está a arder no distrito de Bragança. Alguém tem dúvidas de que mais de noventa por cento dos incêndios são motivados por fogo posto? Há casos muito raros, como uma faísca, num dia de trovoadas, o cair para o solo ou num cabo de alta tensão, que eu próprio já tive ocasião de verificar, alguns por descuido, mais alguns por falta de limpeza. Já foram autuados muitos proprietários por falta de limpeza. Será que alguns tiveram rendimento nas propriedades para pagar as multas? E as Estradas de Portugal? Quem paga as multas pela falta de limpeza em que se encontram?

Temos efetivamente de ir modernizando os sistemas que nos permitam ter melhores resultados, mas isto não pode só ser feito nas mesas das secretárias dos ministérios, em Lisboa, sem haver prévio conhecimento, no terreno, das medidas mais adequadas

para cada fim em vista.

Já estão a ser distribuídas viaturas pesadas aos GIPS, para combater os incêndios. Já temos também alguns destes elementos feridos nestes incêndios.

E os milhões de euros que o Estado gasta e promete continuar a gastar na construção de todas as casas que vão ardendo? Não seria melhor gastar em prevenção, e evitar que ardessem?

Quando da implantação do INEM chegaram a verificar-se casos em que uma ambulância dos Bombeiros transportava uma parturiente para o Hospital Central de Mirandela e o INEM mandava depois parar a ambulância que conduzia a parturiente a dois ou três quilómetros da localidade para a transferir para a sua ambulância e a entregar em Mirandela.

Presumo que tudo vai começar a correr melhor e que as novas ambulâncias do INEM a entregar aos Bombeiros permitam um melhor serviço aos doentes, de que tanto carecem.

Temos de evitar gastar os milhões de que todos os dias se fala, na reconstrução de casas ardidas por todo o país. E os que vivem das florestas? Daqui a quantos anos têm as suas florestas restabelecidas, para obterem algum resultado?

Ouvem-se frequentemente os senhores Ministros, nos órgãos de comunicação social, a dizer que já têm todos os meios aéreos necessários e já têm mais viaturas para combater os incêndios. Já vi viaturas de incêndios da zona de Lisboa em Alfândega da Fé. Alguém já pensou o tempo que leva um desses carros pesados, mesmo dos Bombeiros, a vir de Lisboa até Alfândega da Fé?

Os meios aéreos são, quanto a mim, muito úteis e eficazes, quando bem utilizados e a tempo. Pela pequena experiência própria, sei que também há, como nos carros, pilotos bons e menos bons. Se fosse possível, gostaria de ver todo esse material na nossa Força Aérea.

Apenas um pequeno caso, ocorrido na minha zona com um helicóptero, uma ocorrência no meu concelho. Deflagrou um incêndio de médias proporções. Mandou-se para o local um desses meios aéreos, por sinal proveniente de Vila Real e acompanhado

de um senhor Comandante desse Distrito. Após ter descarregado dois ou três baldes de água sentiu-se uma ligeira explosão e o meio aéreo em causa pousou em cima de um monte, perto do incêndio. Quando me aproximei de uma das minhas viaturas que estava a abastecer os carros ligeiros, em serviço no incêndio, o motorista alertou-me que o helicóptero tinha dado uma pequena explosão, que ali tinha parado e que o piloto o estava a tentar pôr a trabalhar, sem qualquer sucesso, situação de que lá em baixo também me estava a aperceber. Vali-me de um Jeep que tinha levado na altura, proveniente do exército e com alguma dificuldade lá consegui chegar junto do piloto. Este confirmou o sucedido. Estávamos perto das vinte horas, o meio aéreo teria de regressar à sua base, em Vila Real, o que se tornava impossível devido à avaria. Procurei trazer para Alfândega da Fé o senhor Comandante e o piloto para jantar e para lhes arranjar alojamento até ao dia seguinte. Fui para o quartel de Bombeiros, onde já tinha um telefonema do senhor Inspetor da Zona Norte, a solicitar esclarecimentos sobre o facto, que relatei de imediato. O pedido por ele efetuado, da guarda do helicóptero, já tinha sido por mim tido em consideração. Recebi depois no quartel um telefonema de um mecânico, que me informou que tinha saído de Braga e que dentro de duas ou três horas estaria em Alfândega da Fé, pelo que me prontifiquei a esperar no nosso quartel. Pouco tempo antes tinha chegado um representante da empresa proprietária do meio aéreo, que também levei para companhia do senhor Comandante de Vila Real e do piloto. Foi por este senhor que tive o primeiro conhecimento do que se poderia ter passado, esclarecimento que entendi de imediato. O referido helicóptero, por pouca prática do piloto, por não estar muito habituado àquele tipo de meio aéreo, teria sobrevoado demasiado baixo a zona do incêndio, entrando fumo conjuntamente com o ar na admissão para o motor, o que teria provocado essa ocorrência. Quando chegou, o mecânico foi ver o aparelho e pediu-me se lhe arranjava uma bateria de 24 volts. Já imaginaram, o Comandante dos Bombeiros, agarrado a dois cabos elétricos de uma bateria para a do meio aéreo, a pôr aquilo a

trabalhar, como se faz numa viatura em qualquer lugar? Temos de ter muita atenção em saber no que andamos e no que alugamos.

Para terminar queria só, se me permitem e com a liberdade que me assiste, manifestar a minha opinião. Antes de pensar em todos os meios necessários para apagar, temos de fazer prevenção e evitar que haja incêndios.

Os GIPS, de que tanto se fala, como GNR que são, deviam, em meu entender, dedicar-se apenas à vigilância, com grupos e escalas bem organizadas, que permitissem localizar os incêndios à nascença e muito em especial, apanhar os incendiários, que teriam que ser severamente castigados. Já estão a ser distribuídos carros de incêndios aos GIPS, alguns já feridos em incêndios este ano. Será o melhor caminho?

“Que Bombeiros queremos ser?” Aos Bombeiros atribuam os subsídios necessários para o seu bom funcionamento e deixem-nos apagar os incêndios.

Se ainda querem melhores Bombeiros, ponham nos quartéis Comandantes com formação apropriada e remunerados, para os poder responsabilizar dos serviços praticados e depois chamem-lhes Protetores Cívicos, ou o que entenderem por mais conveniente.

É que, afinal, Proteção Civil somos todos e cada um de nós.

DOCUMENTOS





Liga dos Bombeiros Portugueses

CONFEDERAÇÃO DE ASSOCIAÇÕES E CORPORAÇÕES DE BOMBEIROS

COMENDADOR
DA ORDEM DE
BENEFICÊNCIA
5 DE OUTUBRO
DE 1945

FEDERADA NO
COMITÉ
TECHNIQUE
INTERNACIONAL
DE LA PRÉ-
VENTION ET DE
L'EXTINCTION
DU FEU



SEDE
RUA BARATA
SALGUEIRO, 29-31
TELEF. 41080
1200 LISBOA
PORTUGAL

Medalha

OURO - SERVIÇOS DISTINTOS

Conferida ao EXMO SENHOR MANUEL MÁRIO DE SÁ CORDEIRO

2º COMANDANTE DA ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALFÂNDEGA DA FÉ

em virtude RELEVANTES SERVIÇOS PRESTADOS

Lisboa, aos 15 de SETEMBRO de 1983

O Secretário

O Presidente



Liga dos Bombeiros Portugueses

CONFEDERAÇÃO DE CORPORAÇÕES E ASSOCIAÇÕES DE BOMBEIROS

COMENDADOR
DA ORDEM DE
BENEFICÊNCIA
5 DE OUTUBRO
DE 1945

FEDERADA NO
COMITÉ
TECHNIQUE
INTERNACIONAL
DE LA PRÉ-
VENTION ET DE
L'EXTINCTION
DU FEU



SEDE
RUA BARATA
SALGUEIRO, 29-31
TELEF. 52 10 80
1200 LISBOA
PORTUGAL

Medalha

GRAU - OURO

Conferido ao EXMO SENHOR MANUEL MÁRIO DE SÁ CORDEIRO

COMANDANTE DA ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALFÂNDEGA DA FÉ

em virtude DE 15 ANOS DE BONS E EFECTIVOS SERVIÇOS

Lisboa, aos 20 de SETEMBRO de 1992

O Secretário

O Presidente



Ministério da Administração Interna
SERVIÇO NACIONAL DE BOMBEIROS
ESCOLA NACIONAL DE BOMBEIROS



CERTIFICADO

Certifica-se que MANUEL MÁRIO SÁ CORDEIRO
COMANDANTE DO CORPO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALFANDEGA DA FE
frequentou o ^o Curso PARA COMANDANTES OPERACIONAIS (MÓDULO
FLORESTAL)
o qual se iniciou em 22 de Março de 1992, com a
duração de 40 horas.

S. Pedro de Sintra, 27 de Março de 1992

O Presidente da Direcção do SNB

O Director da ENB

SERVIÇO NACIONAL DE BOMBEIROS
LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES



LIGA DOS BOMBEIROS
PORTUGUESES



SERVIÇO NACIONAL
DE BOMBEIROS

Certificado

Certifica-se que o(a) Sr(a). MANUEL MÁRIO DE SÁ CORDEIRO
(Função) COMANDANTE DOS B.V. DE ALFÂNDEGA DA FE
participou no COLÓQUIO
subordinado ao tema "PREVENÇÃO E SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS EM ESTABELECIMENTOS HOTELEIROS E SIMILARES"
realizado em PORTO (Data e local).

Lisboa, aos 26 de MARÇO de 199 5.

O Presidente do Conselho Administrativo e Técnico
da Liga dos Bombeiros Portugueses

JOSÉ MANUEL LOURENÇO BAPTISTA

O Presidente da Direcção
do Serviço Nacional de Bombeiros

JOSÉ MANUEL BARREIRA ABRANTES

SERVIÇO NACIONAL DE BOMBEIROS
LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES



LIGA DOS BOMBEIROS
PORTUGUESES



SERVIÇO NACIONAL
DE BOMBEIROS

Certificado

Certifica-se que o(a) Sr(a). MANUEL MÁRIO DE SÁ CORDEIRO
(Função) COMANDANTE DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALFÂNDEGA DA FE
participou no COLÓQUIO
subordinado ao tema "TECNOLOGIA DOS GASES COMBUSTÍVEIS"
realizado em EUROPARQUE - SANTA MARIA DA FEIRA (Data e local).

Lisboa, aos 28 de JANEIRO de 199 5.

O Presidente do Conselho Administrativo e Técnico
da Liga dos Bombeiros Portugueses

JOSÉ MANUEL LOURENÇO BAPTISTA

O Presidente da Direcção
do Serviço Nacional de Bombeiros

JOSÉ MANUEL BARREIRA ABRANTES



**Primeiro Bombeiro de Alfândega da Fé
Acácio Trigo**



Antigo grupo de Bombeiros

Bombeiros e antigos
equipamentos





**Bombeiros em demonstração
numa casa da Vila**

**Bombeiros e antigo carro
braçal**





Bombeiros com equipamento
náutico

Antigo Quartel dos Bombeiros
Voluntários

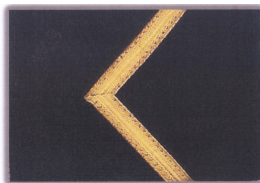




Comandante Manuel Cordeiro

No transporte de doentes
Sempre que solicitado pela Associação,
Sem qualquer remuneração,
e apenas como voluntário

Desde Abril do ano de 1957



Aspirante a bombeiro
De 08/12/1971 a 26/12/1972



Bombeiro de 3ª Classe
De 27/12/1972 a 16/05/1976



Ajudante de Comando
De 17/05/1976 a 30/07/1976



2º Comandante
De 31/07/1981 a 28/06/1984



1º Comandante
De 29/06/1984 a 28/02/2000

Passagem ao Quadro de Honra em 01/03/2000



Em formação na Escola Nacional de Bombeiros





Em serviço na equipa Heli

Recebendo uma medalha





**Guarda de Honra ao Presidente
Mário Soares**

**Bombeiros, dirigentes e
família em Fátima**





Alguns dos primeiros carros de combate a incêndios florestais





Apresentação da maquete do novo Quartel

Placa evocativa do Comandante Jeremias Ferreira, no novo Quartel dos Bombeiros





Na inauguração da placa
evocativa, com o Comandante
Jeremias Ferreira, o escultor
José Rodrigues e Felicidade
Ferreira

Recordação do 95.^o aniversário do Comandante Jeremias Ferreira

